https://doi.org/10.13102/lm.v14i1.8264

A EXPANSÃO DA LINGUAGEM NA POESIA DE ALBERTO PUCHEU

THE EXPANSION OF LANGUAGE IN THE POETRY OF ALBERTO PUCHEU

EVELINA HOISEL[1]
TAISE TELES SANTANA DE MACEDO[2]

RESUMO

Em tempos coevos, a poesia brasileira contemporânea mostra-se em plena produtividade, ampliando tanto o corpus de escritores e escritoras que desejam deixar suas intervenções no/para nosso tempo quanto a inclusão de novos meios e suportes que permitem a circulação e a disseminação dos textos poéticos. Um desses poetas em atividade é o professor Alberto Pucheu. No conjunto de suas obras – de 1993 até o presente instante – Pucheu tem se preocupado, principalmente, em mostrar a potência do pensamento da poesia e a sua dimensão filosófico-política. Pela leitura dos escritos de Pucheu, compreende-se que o poeta é o sujeito que mantém relação com o outro - seres, objetos, pessoas – no intuito de convocá-los para estabelecer contatos, esbarros, alianças. Parte-se do seguinte entendimento: a linguagem poética abre-se, nesse vir a ser, para o impróprio, para a possibilidade de novos sensíveis, novas proposições do existir. Para tal análise, o presente estudo toma como ponto de partida textos poéticos-literários, direcionados pelo eixo temático proposto. Nessa perspectiva, este trabalho problematiza, a partir de poemas de Pucheu, a linguagem enquanto instauradora de vidas que são planejadas para serem extintas, esquecidas, apagadas. Cabe, ainda, destacar que o estímulo que movimenta o desenvolvimento desta investigação se deve à oportunidade de percorrer escolhas, estratégias poéticas e procedimentos de escrita da poesia, bem como da apreensão de que a poesia sempre está em processo de feitura. Nesse bojo, a poesia condiciona-se a negar-se, recusar-se ou suprimir-se para se situar como tal. Sendo assim, a própria noção de poesia se pluraliza.
PALAVRAS-CHAVE: linguagem; poesia; impróprio.

ABSTRACT

In present-day times, contemporary Brazilian poetry is in full productivity, expanding both the corpus of writers and writers who wish to leave interventions in/for our time regarding the inclusion of new means and supports that allow the circulation and dissemination of poetic texts. One of these active poets is Professor Alberto Pucheu. In the set of his works - from 1993 to the present moment - Pucheu has been concerned, mainly, in showing the power of poetry thought and its philosophical-political dimension. By reading Pucheu's writings, it is understood that the poet is the subject who maintains a relationship with the other - beings, objects, people - in order to summon them to establish contacts, collisions, alliances. It is based on the following understanding: the poetic language opens, in this turn to be, for the inappropriate, to for the possibility of new sensitive, new propositions of existing. For this analysis, the present study takes as a starting point poetic-literary texts, directed by the proposed thematic axis. In this perspective, this work problematizes, from Pucheu poems, the language as life-setters that are planned to be extinguished, forgotten, erased. It is also worth noting that the stimulus that drives the development of this work is due to the opportunity to go through choices, poetic strategies and writing procedures of poetry, as well as the apprehension that poetry is always in the process of being done. In this context, poetry is conditioned to deny itself, refuse or delete itself in such a way. Thus, the very notion of poetry is pluralized. her poetics in the aforementioned work.
KEYWORDS: language; poetry; inappropriate.

[1] Professora Titular de Teoria da Litertura do Instituto de Letras da UFBA. Presidente da Academia de Letras da Bahia. Possui doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (1996). É lider do grupo de pesquisa Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Criação Literária/CNPq; Co-ordenadora do Projeto de Pesquisa O escritor e seus múltiplos: migrações. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: trânsitos discursivos, Silviano Santiago, João Guimarães Rosa, intelectual contemporâneo e crítica literária. E-mail: hoisel@ufba.br

[2] Mestra em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoradanda no Programa de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLITCULT/UFBA). E-mail: taiseteles@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Na cena atual, há, no Brasil, uma profusão de blogs, sites, pequenas editoras, manifestos, saraus e performances poéticas. Apesar do crescimento e da visibilidade de poetas, oriundos de diversos espaços, que abordam múltiplos assuntos cuja quebra de fronteiras é nítida, há algo que emperra o caminhar da poesia. Segundo Renato Rezende (2014), esse empecilho, em grande medida, vem da crítica que não enxerga o potencial poético produzido neste Brasil contemporâneo, tratando-o, sobretudo, por um "vazio cultural."

Por possuir um capital político latente, a poesia, em tempos de crise, eleva sua possibilidade do dizer. É preciso, então, sair às ruas, invadir a cena cotidiana, ocupar novas arenas, forçar uma intervenção na e com a sociedade. Nesse sentido, a crítica especializada não acompanha a fluidez e o crescimento da poesia contemporânea. Nas palavras do poeta e professor Alberto Pucheu:

> Ainda em 2008, escrevendo sobre a "situação da poesia hoje", Afonso Romano de Sant'Anna abre seu texto afirmando que "A atual situação da poesia brasileira me lembra a palavra entropia", querendo dizer, com isso, que, dada sua "dispersão poética", como o universo, ela "vai desmilinguir-se entropicamente, e que não tem mais jeito". (PUCHEU, 2016, p.177)

Ao invés de querer desdobrar as potencialidades de criação das obras poéticas, a crítica opera como "juiz" das artes. Oportuno é dizer, neste momento, que a poesia contemporânea abre espaço para uma poética multimídia, que utiliza recursos visuais e digitais os quais desorganizam o previamente organizado, além de fundar, a cada poema, em cada textura poética, o seu próprio público e sua teia crítico-teórica. Assim, os poemas solicitam outra mirada crítica. A poesia contemporânea demanda nova partilha e relação, sobretudo alianças que servem a um comprometimento com o presente, além de promover efeitos diferenciados nos seus leitores.

Nesta perspectiva, os poetas assumem um lugar híbrido, fazendo do suporte poético um espaço não apenas de reinvenção do mundo, mas de produção de pensamento. Daí a relevância do artista-pensador Marcos Siscar (2005) em A cisma da poesia brasileira. Ele constata que a poesia brasileira publicada a partir de 1980 apresenta algumas marcas de ausência de linhas de força mestra. No entanto, não é que a poesia brasileira tenha se perdido; ela se tornou outra coisa em um outro momento histórico.

Assim, para Siscar, na segunda metade do século XXI, valores tais como "nacionalidade", "subjetividade", "experimentação", "novo", dentre outros, não são mais totalmente adequados ao sentido dos projetos dos jovens poetas. Para ele (2005, p.45), "como se sabe, as situações instáveis (historicamente, poeticamente) são lugares onde a poesia

costuma manifestar-se e onde, de todo modo, melhor se manifesta o sentido de sua ligação com o contemporâneo".

A nosso ver, o estreitamento com o contemporâneo se dá, em uma das vias, na maneira como a linguagem poética se coloca enquanto lugar hospitaleiro e acolhedor de pessoas, seres, objetos, fugindo daquela idealização romântica de uma voz, o "eu-lírico", que insinuava suas emoções e sua interioridade na relação com o mundo. Desta forma, este trabalho tem como objetivo, por meio de poemas de Pucheu, mostrar como a poesia tem pensado para além de um eu subjetivado; como tem refletido as maneiras de se enxergar a vida em comunidade. Ao entrar em contaminação com a multidão, o poeta intervém ao seu modo, intensificando a sua frequência de contagiar-se diante da alteridade, do outro.

É sobre esse campo de abertura da poesia que a pesquisadora Florencia Garramuño (2016, p.12) alude: "[...] em muitas das poesias contemporâneas os sujeitos aparecem de modo insistente, ainda que despidos de toda interioridade [...]." Assim, tomaremos a linguagem da poesia: uma linguagem em movimento que sai da superfície de uma lógica pragmática e desvia para a possibilidade de produzir e de ocupar outras esferas e realidades. Na tentativa de desmascarar o semblante deste real que cada vez mais se exacerba e captura (ou tenta) as alteridades que correm soltas, a poesia fabrica cenas propulsoras de pensamento, desse exercício do pensar, para além dos sentidos fixos e acabados do "tabuleiro do espetáculo" na contemporaneidade.

DA POESIA QUE INFILTRA A VIDA

Desde as primeiras publicações de Pucheu, a cidade é uma aparição constante. E é atravessando a cidade que o poeta se coloca à disposição da escuta; à disposição de encontrar o outro. Essa cidade aparece, metonimicamente, com a presença de seres e objetos, ou de forma direta, com seus problemas mais recorrentes e sua corporeidade irruptiva, projetando o poeta como um sujeito que se desloca em busca de conhecer pessoas, coisas, situações.

Poeta de produção consolidada, Pucheu resguarda uma marca crítica em seu modo de escrever, numa aproximação expansiva entre pensamento e poesia. Em 1993, quando publica Na cidade aberta, percebemos o quanto o seu ato de escrever se abre para o fluxo de falas descontínuas dos diferentes e múltiplos espaços da urbe, engendrando novas entradas de sujeitos ao poema:

Na Cidade Aberta, Nº 3[3]

próxima saída para deodoro
às dezoito horas e sete minutos

[3] Respeitamos a disposição gráfica do poema.

plataforma dois linha b
alô ráls paga mil
bananada é cem bombom serenata dois é mil
de mil e quinhentos lá fora na minha mão é mil
cem alô bananada é cem cruzeiros
dois mil o isqueiro dois mil alô ráls paga
mil é o verdadeiro paga mil
biscoito globo promoção globo
conféti da quibom dois é mil
conféti
conféti da quibom é o legítimo dois é mil dois serenata
é mil serenata dois paga mil
dois serenata é mil bombom garoto
dois serenata é mil
cem grama de bala é mil bala de qualidade
cem grama é mil
olha o nacaiama é setecentos
amendoim é japonês

lanterna chinesa de grande utilidade em sua casa
paga três mil é pequenina e de qualidade
cem gramas de bala aí pagando mil
olha o fribel
jujú bamericana dois é mil
o tijolão é mil prestígio é mil tijolão de bananada
dois é mil

vai pagar cinco mil aí uma coleira e uma corrente aí
para amarrar o seu cachorro ou o seu filho vai pagar cinco mil aí
jujú bamericana dois é mil
tesoura é tramontina dez mil é cabelereiro
super corte é dez mil na loja americana é vinte e cinco mil
caldo de galinha é promoção ein
só paga dois e quinhentos
só paga dois e quinhentos ein (PUCHEU, 2007, p. 29)

A cidade começa a invadir o poema tanto pelos seus sons quanto pela sua forma enlouquecida de se mostrar enquanto palco de possibilidades, ainda que imaginássemos que do cotidiano não pudéssemos extrair poesia. Ao deixar em evidência as vozes descompassadas, os versos também ficam desnorteados. O circuito informal de mercadorias traz o mesmo tom de ligeireza: são vendidos biscoitos, bala, tesoura, caldo de galinha, lanterna, chocolate, bananada. A cidade ritma os versos de acordo com sua vontade. É livre a passagem da cidade para o poema em que se capta a experiência mais que individual; é a experiência de um rosto coletivizado, de um dialeto informal que compõe o vocabulário do trabalhador ambulante.

A cidade aberta nº 3 labuta com a rua. A rua possibilita uma infinidade de encontros, seja com materiais e objetos, seja com gente. A linguagem pucheteana convoca as impurezas, os restos, as sobras. O resto, contudo, nessa primeira produção de Pucheu, não conduz a uma crítica à putrefação dos poderes, como veremos, mais a frente, em seus livros mais recentes, a exemplo de Para que poetas em tempos de terrorismos? e Vidas rasteiras. É um resto no

sentido daquilo que fica no ar da cidade quando o poeta, transitando por uma estação de trem ou de metrô, acolhe/recolhe o que escuta. E a linguagem desses restos é a marcada pelo improviso. E o improviso é criativo, é movente; tenta se desprender de uma linearidade ou de um sentido imposto.

Pucheu experimenta a linguagem cotidiana para além dos seus limites. A sua verve crítico-ensaístico-poética evidencia um trabalho investigativo em relação à linguagem tanto no rompimento entre as fronteiras dos gêneros linguístico-literários quanto na utilização de fragmentos de discursos – falas de passantes nas ruas, e-mails, bilhetes, encontros entre amigos ou desconhecidos, para citar alguns. Em Escritos da Frequentação, de 1995, o poeta continua convocando a cidade para as suas letras, a exemplo do poema Na cidade aberta, escritos, em que uma listagem conceitual de trinta e nove apreciações sobre as palavras, a cidade e a escrita quebram a barreira entre poesia e pensamento:

> 1.Do esbarro da mão
> em uma língua
> nasce um mundo
>
> 2.Entre duas distâncias
> na palma da mão
> o mundo corre pelos dedos
>
> 3.Começo os alicerces da
> cidade
> com apenas seis letras
>
> 4. Uma cidade é sem começo
> ele disse
> todo começo já está na cidade
>
> 5. Vagarosamente as linhas
> mapeiam espaços
> delineiam ruas e deixam
> baldios
> [...] (PUCHEU, 2007, p. 34)

Ao longo dessa listagem, o poeta encena a sua própria dicção poética. Esse fazer está muito ligado à provisoriedade da linguagem, sobretudo de uma sede da palavra que não se deixa governar. A escrita permanece em movimento, e o trabalho poético não se desgarra do trabalho do pensamento.

Em *Poesia e Pensamento Abstrato*, célebre ensaio escrito pelo crítico e poeta Paul Valéry (1991), adverte-se como o senso comum, ao tomar o trabalho poético como "matéria de inspiração, de ingenuidade e de fantasia", empreendeu uma rivalidade com o trabalho do intelecto, compreendido como o pensamento que leva em consideração a energia e o esforço do espírito a fim de interrogar o mundo. Ao contrário, a poesia não arruína o pensamento.

Como energia de ativação da inventividade poética, Pucheu lança mão de criações

singulares – os arranjos[4] – como procedimento para compor seus escritos. Esses arranjos nada mais são do que fragmentos de discursos capturados por ali e acolá, transfigurados para os poemas. O espaço de arranjador ocupado pelo poeta vai além de um mero juntador desses materiais recolhidos, o que potencializa a própria ideia de poesia. Em *A vida é assim*, de 2001, há uma celebração do improviso do cotidiano principalmente com o registro de variadas formas de existências da cidade, a exemplo de um trecho de "Arranjos para conversas transeuntes":

> ... aí a gente começa a conviver com o perigo, e aprende a cair fora dele. Uma vez ou outra até que apetece. Camarada tem que estudar muito a mente de sua pessoa, tem que ter jogo de cintura. Meu colega é caminhoneiro. Ele foi pra São Paulo, quebrou a cara. Aí foi pra Bahia. Foi prum forró. Chegou lá, aquelas mulheres bonitas, e ele só tinha dinheiro pra ficar no caminhão. Aí é que o bicho tem a cara de ruim mesmo. Não tenho pressa pra chegar e olhar a cara da patroa. Quarenta anos a mesma cara. Muita coragem, aturar um diabo daquele quarenta anos. Eu correndo atrás do ouro e ela vendo novela. É sempre assim, Deus tira de um lado e põe no outro. Às vezes, não põe em canto algum. É todo dia isso, na forma do costume. De segunda a segunda. Ela chega do serviço, vai direto pra casa dela. Chega em casa uma e cinco da manhã, a rua deserta [...]. (PUCHEU, 2007, p. 127)

Por meio deste trecho, Pucheu parte para uma escrita em que a cidade continua receptiva ao que chega, constituindo-se não apenas em temática de seus versos, mas também como forma de sua escrita, a exemplo da extensividade prosaica deste poema e do emaranhado de vivências dispostas continuamente. Percebemos que o título do poema faz ligação entre os "arranjos", "conversas" e "transeuntes", indicando os cortes nos versos repletos de histórias plurais que perpassam pela urbe. Na primeira descrição, é o fragmento de vida do caminhoneiro que ganha destaque; na segunda, é um marido que faz queixa da sua vida conjugal. Esses são os contornos da cidade em seu viés mais trivial.

> De segunda a segunda. Um erro que acontece fluentemente. Eu vou falar com a mãe da menina: é melhor meu filho juntar seus podres com a sua filha. Aquele ali, coitado, vai morrer sem nunca ser o que queria ser. Pobre é teimoso, não morre não. Por favor, onde fica o hospital do coração? Era um preto de linha...aquela camisa alta, sapato bacana...Um preto de linha. Todo mundo olhando o negão, ele chegando de mão dada com a loura. Vê se pode? Era um preto de linha, de mão dada com aquele travesti. É tudo safado hoje em dia. Não se pode confiar. Quase enfiei a porrada lá em um, me chamou de maconheiro. Que maconheiro nada, era cigarro mesmo. Vê se eu vou fumar maconha em sala de aula! Enquanto ficarem em cima de mim, eu não tomo decisão nenhuma. Vocês vão ver, o tempo passa, aí é que começa a doer. Eles não tinham nem casa para onde ir. Nem projeto. Você sabe o que é

[4] Os arranjos fazem parte da escrita de Pucheu desde seus primeiros livros. Aparentado ao ready-made – estratégia artística de deslocar os objetos e utilitários de seus espaços convencionais - os arranjos operam em duas frentes: o poeta é, simultaneamente, o apanhador destes discursos aleatórios e improvisados do cotidiano – bilhetes, conversas, e-mails, programas de Tv, notícias, depoimentos, dentre outros – bem como o manipulador desses diferentes artefatos discursivos. Dessa maneira, uma das proposições do arranjo é trazer à tona a ideia do poema como forma de composição coletiva em que o artista, ao mesmo tempo, performatiza e se dissipa na/pela linguagem.

> isso? De repente apareceu aquela casa maravilhosa. Aí as pessoas ficam mais tranquilas. Dinheiro... Dinheiro é difícil de ganhar, mas é muito fácil de perder. Você não sabe o dia de amanhã. [...] (PUCHEU, 2007, p. 128)

Neste fragmento-arranjo, os transeuntes eclodem como passantes que vão "jogando conversa fiada" por meio de diálogos arrojados ("Aquele ali, coitado, vai morrer sem nunca ser o que queria ser. Pobre é teimoso, não morre não"), de constatações engraçadas em meio a informalidade do universo mágico cotidiano ("Todo mundo olhando o negão, ele chegando de mão dada com a loura. Vê se pode? Era um preto de linha, de mão dada com aquele travesti. É tudo safado hoje em dia") e da percepção de desamparo dos necessitados ("Eles não tinham nem casa para onde ir. Nem projeto. Você sabe o que é isso? De repente apareceu aquela casa maravilhosa. Aí as pessoas ficam mais tranquilas"). Dentro desse processo criativo, o poeta registra o gosto pelas histórias, pela prosa, pela vida do povo comum, pelo caminhar ao encontro do outro.

DA POESIA QUE É ABRIGO

Dos anos 2000 até este presente momento, Pucheu produziu um conjunto de escritos que, a meu ver, constituem não apenas um projeto de poesia; sobretudo é um projeto de um artista comprometido com as questões da vida ou, como sugere o livro de Adauto Novaes (2005)[5], *poetas que pensaram o mundo*. Pucheu enquadra-se nesses poetas que pensam o mundo, que pensam, principalmente, sobre como a poesia pode trazer reflexões para o viver em comunidade.

Em 2007 é publicado *A fronteira desguarnecida*, um apanhado que reúne todos os livros de poesia de 1993 a 2007. Dentro dessa antologia, percebemos o ofício do poeta-montador. Ou seja: um sujeito caça-vidas, isto é, aquele que "faz o corre" nas ruas, na esquina, nos bares, ao ar livre da natureza, nos lugares menos suspeitos para o "surgimento" da poesia. O poeta coloca-se como um ouvinte da cidade despido de qualquer pré-julgamento sobre as vozes que não são dele, mas que o perpassam.

> [...] Algo se move em mim, impossível de ser escutado,
> cheirado, tocado, degustado... algo se move em mim,
> para o qual as palavras não se dispõem
> mas obrigam-me a dizê-lo, após meses de indiferença
> e mutismo. Tudo em mim, agora, é combustível:
> difícil ficar ileso aos verdes da manhã,
> ao trabalho diário, aos acontecimentos que,

[5] *Poetas que pensaram o mundo* (2005), livro organizado pelo jornalista e professor Adauto Novaes, traz a proposta de aproximação entre poesia e pensamento, entre poesia e saber, a partir de conferências comemorativas ao centenário de nascimento do poeta Carlos Drummond de Andrade. Para o artigo que se apresenta, a obra organizada por Novaes nos interessa pela maneira analítica adotada pelos conferencistas ao perscrutar a história do pensamento por intermédio da poesia. Assim, "Poetas que pensaram o mundo" interroga o homem e o próprio pensamento, visto que a reflexão poética quase sempre não adere à sistemática do mundo.

mesmo corriqueiros, me contaminam.
não há mais ninguém por aqui,
e minha experiencia é viável. (PUCHEU, 2007, p.110)

Esse trecho é um recorte do poema *Tudo acontece agora pela primeira vez*, em que o poeta se coloca como um intermediário, um meio, um canal para a passagem de algo indiscernível. Esse "algo que se move em mim" pode significar o inominável da poesia. O poeta, assim, é o tradutor que não consegue, exatamente, traduzir esse quê da linguagem, mas que é necessário correr o risco de dizer, em palavras, vez que a experiência é válida. No patamar do inapreensível, a poesia atravessa os momentos corriqueiros do dia a dia, ainda que inusitados ou estranhos.

> Na postergação e deslocamento constante dos umbrais e confins do sujeito lírico, algumas formas de poesia contemporânea parecem explorar a irredutibilidade da vida à forma individual, colocando em cena a trama de relações nas quais se manifesta uma vida impessoal [..] (GARRAMUÑO, 2016, p.17)

Esse confronto com a experiência coletiva do nosso tempo vislumbra-se em Pucheu quando há contaminação do sujeito lírico por outros seres e vidas – "o verde da manhã", o "trabalho diário", "os acontecimentos corriqueiros". Isso se evidencia ainda mais em "Mais cotidiano que o cotidiano", livro publicado em 2013, e nos livros subsequentes "Para que poetas em tempos de terrorismos?", de 2017, e "Vidas rasteiras", de 2020.

Quando Pucheu lança, em 2017, *Para que poetas em tempos de terrorismos?,* o Brasil estava (ainda está) num período de enfraquecimento da democracia cuja tônica autoritária demarca o *modus operandi* do cenário político. Esse livro tensiona o ambiente estranho sob o qual nos encontrávamos naquele curto espaço de tempo em que uma tragédia anunciada nos atravessava. "Alguma coisa estava fora da ordem". A poesia, então, se espanta diante desse real assombroso que nos impuseram. É preciso suspeitar desse real, dessa "farsa teatral". Como bem nos alertou Alain Badiou (2017)[6], os homens dos negócios e da política nos fazem crer que devemos obedecer às leis do real, que diante dele nada podemos fazer a não ser nos submeter. Todavia, a poesia nos orienta para outros caminhos:

saio na rua e tudo me parece normal
como se nada tivesse acontecido,
a banca de jornal está aberta, a padaria
continua a vender pão com manteiga,
na chapa e café quente
para os que ainda estão saindo
para o trabalho ou chegando nele,

[6] Badiou (2017) acredita que tanto a linguagem teatral quanto a poética conseguem escapar das imposições do real, pois essas formas artísticas, ao lançarem mão de novas realidades, desmascaram o semblante do real intimidador.

as pessoas continuam pegando seu ônibus,
atravessando as roletas, abrindo as janelas,
falando sobre a zica e outros assuntos
menos graves como a tintura para cabelos,
ou o formato do botão da camisa,
os operários da obra em frente ao meu quarto
continuam a chegar nos horários previstos,
eles trabalham com afinco enquanto o vigilante
ouve seu rádio em uma estação a.m
qualquer [...] (PUCHEU, 2017, p. 29)

Neste excerto de *O golpe*, um dos poemas presentes em *Para que poetas em tempos de terrorismos?*, o poeta reflete, criticamente, sobre os dias apáticos e as sensações de indiferença perante o absurdo instaurado. O estranhamento ao real se dá por uma cotidianidade cuja mesmice mecanizada é a marca: "como se nada tivesse acontecido"; "falando sobre a zica e outros assuntos menos graves como a tintura para cabelos"; "continuam a chegar nos horários previstos". É a apreensão da trivialidade dos dias.

Esse "normal" já nos indicia para a dicção da política atual: a injunção de uma impotência programada. Diante do atropelo dos acontecimentos, o homem alija-se da sua linguagem a ponto de não conseguir usar meios para "fazer a experiência da sua própria essência linguística", para citar Giorgio Agamben (2017, p.106). O que nos põe em comum é apropriado pelo Estado, e isso nos impede de "poder dizer", do "fato de que se fale." Quando o poeta diz "como se nada tivesse acontecido" e elenca, a posteriori, uma reprodução do cotidiano, temos aí a realização da vida nua, uma vida apartada de suas formas e possibilidades, uma vida acoplada na esfera do capital, uma vida reiteradamente repetitiva que mutila a nossa chance de exercer o nosso ser-em-linguagem. Ao confiscar a vida, o Estado e suas diversas manifestações autoritárias, consequentemente, esvaziam e desarticulam ideologias, crenças, comunidades e identidades. Nesse sentido, a poesia acena para a desobediência ao real automatizado:

às vezes, a vontade que dá é não sair
da minha linha do tempo, porque, ali,
estranhamente, há pessoas que quebram
a linha do tempo, que estão preocupadas com o golpe
que assolou o país, mas
dá vontade igualmente, e ainda mais, de sair,
dali para falar em sala de aula, para inventar
em sala de aula o que até ontem não teria dito,
para falar de poesia e política em sala de aula,
para escutar o que os alunos têm a dizer,
neste momento, descobrindo onde estão os focos,
de desobediência, ou para ocupar as ruas,
as escolas, as universidades, os prédios estatais,
ocupar a cidade e a linguagem de um modo singular
para escapar do bláblábláblá do senso mais comum [...]
(PUCHEU, 2017, p. 31-32)

O tempo da poesia é outro. É o tempo não aparelhado, é o tempo do dissenso. É o tempo que quebra a linha que se quer linear – primeiro o golpe, depois a adaptação ao golpe - da série de acontecimentos. A poesia não se sente palatável à barbárie; antes disso, ela é linguagem de resistência a essa "falsa ordem". "Quebrar a linha do tempo" é o contorno mais apropriado neste momento: invadir outros tablados – escolas, universidades, prédios estatais - e encenar uma nova dança.

Poesia como dança reconfigura o sensível ao convocar o imprevisível. Esse imponderável vem das ruas e, por atrair o anônimo, a dança se dobra, repensando sobre si e sobre a composição coreográfica que ainda se quer equilibrada. Tal como a dança, a poesia joga com a inquietude: ao sair de si, ao tirar os "pés do chão" e ao permitir a intrusão do desconhecido, a poesia oxigena uma experimentação para o coletivo.

Entrar em contato com a cidade e seus micros espaços é, também, desencarcerar o corpo na tentativa de se ensaiar uma relação com o outro; de se dispor com o que há de comum com o outro. O poeta quer "escutar o que os alunos têm a dizer", provocando saídas e deslocamentos do "senso comum". Quando o sujeito poético abandona a ideia de que tudo pode ser solucionado por meio do cumprimento da norma – "descobrindo onde estão os focos de desobediência" -, há um gesto de profanação se desenrolando. A poesia profana no instante em que desnaturaliza essa genética da normalidade que se criou em torno da necessidade do golpe:

> [...] há aqueles que talvez tenham votado recentemente
> em bolsonaro, que achavam até poucos dias
> atrás a presidenta uma corrupta, que queriam
> se livrar da corrupção, que foram a favor
> dos industriais que, dizem, movem o país,
> que foram a favor dos cortes dos gastos sociais,
> que foram a favor de impeachment,
> que foram a favor do golpe,
> porque se beneficiam disso
> ou porque gostariam de se beneficiar disso
> identificando-se com os poderosos [...]. (PUCHEU, 2017, p.31)

O golpe maquinou o discurso de que era peremptório abominar a corrupção no país, contudo o próprio golpe foi tramado por sujeitos envolvidos em diversos tipos de corrupção e escândalos políticos. É posto em xeque o rosto do golpe com toda aparência redentorista, momento sob o qual a poesia profana arranca-lhe o véu que encobre todos "que se beneficiam disso" ou que "gostariam de se beneficiar disso". A experiência da escrita poética desestabiliza os dispositivos ideológicos que gravitaram em torno do golpe. E mais: estampa um exame crítico dos poderes ao desentranhá-lo, criando uma linguagem que se contrapõe ao discurso dominante.

Em torno da cena tragicômica do golpe, essa dança macabra, Pucheu evoca a poesia

para falar do trânsito de vida, que ainda persiste, com cheiro de morte da coisa-viva. Em *Mercado Ver-O-Peso (Belém)*, nossos sentidos se aguçam pelos cheiros mais orgânicos possíveis:

> peixes mortos, aos montes,
> de rio e de mar, exalam,
> o que não são mais seus cheiros,
> pois seus cheiros são cheiros
> de vida, dentro da água
> na qual deslizam,
> fazendo intensos barulhos
> que, como seus cheiros,
> cheiros e barulhos aquáticos
> de vida, não somos capazes
> de sentir, mas, mesmo sem os peixes
> exalarem seus cheiros,
> há um cheiro exalando no ar,
> não cheiro de peixe, cheiro
> da morte do que um dia foi peixe [...] (PUCHEU, 2017, p. 53)

Se o golpe e seus tentáculos chamejantes querem domar a vida em suas esferas mínimas, os gestos e os modos de vida se desgarram desse comando. O mercado de peixes é o espaço onde vida/morte estão no mesmo compasso: o cheiro do peixe morto ainda é vida. O peixe morto se faz em deslize de uma vida com todo seu grau de energia: com seus "intensos barulhos" e cheiros. É nessa zona de vizinhança que não conseguimos discernir entre vida e morte porque ambos estão num processo de fazimento/desfazimento. Não se atinge uma forma. O próprio mercado simboliza o inacabado; é a inconstância existente de uma cidade, do seu dia a dia, do seu vaivém, do seu cotidiano "mais que cotidiano". É um ponto de encontro, do ir ao encontro do repentino, do mover-se para.

A poesia é peixe em movimento dentro d'água; é peixe com toda a sua corporeidade sem direções pré-determinadas; é peixe com sua agilidade e sua abertura de caminhos em vias de expansão. Como um corpo cambiante, poesia/peixe se espalham para todos os lados sem delimitar sentidos ou hierarquias dentro do espaço. Parte-se não importa de onde; a linguagem projeta-se como a água de rio ou de mar que não se encaixa em nenhuma forma.

Sentir a pulsação vital em pleno golpe, sentir a intensidade dessa passagem. Eis o experimento da linguagem em Pucheu. *Mercado-Ver-O-Peso (Belém)* expõe o quão inquietante é a imagem de um bicho em sua animalidade mais instintiva e indomável. A vida escapa por todos os poros e por todas as partes, desviando-se de qualquer enclausuramento:

> chamamos de peixe sem saber
> o que é peixe, sem saber o que é
> o cheiro do peixe, cheiro
> da morte que exala esse cheiro
> do que não sabemos
> o que é – cheiro da morte
> do peixe -, fazendo-o

esbarrar no ar, no chão
de cimento, nas peles,
nos ossos, nas estruturas
de ferros, nos vidros
que partem no esbarro
do cheiro da morte [...] (PUCHEU, 2017, p. 54)

A linguagem da poesia se esquiva de um controle, a linguagem da poesia abusa do improvável: "chamamos de peixe sem saber /o que é peixe/ sem saber o que é/ o cheiro do peixe"; esse cheiro / do que não sabemos/ o que é". Envolta num movimento sistólico-diastólico, a poesia cria um outro estado, cria um instante cuja duração é feita de energia imediata como um movimento da dança. Produzindo o seu próprio modo de existência, a poesia inventa para si um universo sensível de manejo do corpo, a linguagem, ao desconectar-se do mundo prático, testando os limites instantâneos do ser, erguendo voos, saltos e deslizes fora da lógica do senso comum e da razão.

Esses momentos saltitantes forjados pela/na linguagem invadem o poema *Incapturáveis*, cujo tracejado é um pássaro que não se deixa ser flagrado. Escuta-se apenas o canto; um canto que preenche os versos como se pudéssemos, mesmo sem enxergar o animal, vê-lo.

Desde criança, no Vale do Socavão, alguns dos sons
que mais me impressionam são dos bugios
no alto das árvores das montanhas.
Dizem que eles emitem esses sons
reverberantemente graves quando se aproximam
para encontrar água, quando a água falta
nas distâncias em que vivem. Não sei
se é isso mesmo. Sei, entretanto, que,
apesar de frequentar o vale desde que nasci,
nunca os vi, que, mesmo que já os tenha escutado
em bando muito de perto
quando, uma tarde, caminhava pela mata,
eles jamais se ofereceram ao meu olhar
demasiadamente humano para eles. (PUCHEU, 2017, p. 95)

Os bugios, esses seres inacessíveis ao olhar humano, só ecoam em vestígios, rastros, fragmentos. Essa arte de não ser capturado por completo nos revela como não damos conta de falar por uma totalidade ou por uma vontade demasiadamente humana de apreender o sensível por categorias rígidas e fixas de pensamento. Sentimos o pássaro pelo informe, pela maneira como ele comparece.

A lógica representacional canônica nos invoca a buscar um deciframento das coisas ou a acreditar que há uma relação unívoca entre significante e significado. Ou ainda: que as coisas precisam ser acionadas por um real imediato. Isso nos encaminharia para a seguinte crença: a escuta do canto, sem enxergar a imagem daquele que carrega o som, é ininteligível. No entanto, não há necessidade de desvendar a coisa ou de estabelecer uma acepção final.

Vejamos: o fato de não ver os bugios não impossibilita a sua existência. David Lapoujade (2017) nos indica que não há uma existência mais real ou autêntica do que outra; não há, portanto, uma hierarquia dos modos de ser. Cada maneira de ser é singular, posto que cada existência é germe de outra coisa. Assim, o artifício dos bugios de manter-se à espreita lhes confere uma intensificação da sua realidade. E é no/pelo poema que esse gesto é suscitado; um gesto que mostra a força desse devir-invisível.

Sobre as existências mínimas, Lapoujade (2017) percorre, a partir do mapeamento dos modos de existência do filósofo Étienne Souriau, que vai desde os seres reais aos virtuais, os gestos de tornar ou intensificar as existências de maneira a revelar que os seres são inacabados e permanecem em processos constantes de esboço e de incompletude. A própria noção de "ser" é questionada tendo em vista que o que temos são processos, atos e transformações. Nada nos é dado de forma translúcida; não há plenitude da presença; quiçá, chegamos ao outro por uma meia-luz ou por uma penumbra.

A preocupação de Lapoujade (2017) é de que maneira essas existências mínimas ganham o direito de existir, pois elas existem, porém estão invisibilizadas. Todavia, não basta apenas imprimir uma realidade às existências; inicialmente, é preciso dar-lhes outra narrativa, ou melhor, formalizá-la sob outra perspectiva. Nas palavras desse estudioso: "[...] instaurar é legitimar uma maneira de ocupar um espaço-tempo. Mais uma vez, a legitimidade não mais repousa sobre um fundamento exterior ou superior, é cada existência que a conquista por um acréscimo da sua realidade." (LAPOUJADE, 2017, p.90).

Esse percurso nos leva a pensar a linguagem poética como uma criatura indomável. Uma criatura que repele uma única forma estética; que perfaz a coexistência de modos entre o que se mostra, o que está ausente e o que poderia ser. A potencialidade do ser da poesia nos incita à expansão para ir ao encontro do outro. Esse outro pode ser uma ideia, um corpo qualquer, um animal. O poeta nos alerta:

> Talvez eles estejam me ensinando
> um outro modo de conviver com eles
> desde o ponto de vista deles: que eu os ouça,
> mas não os veja [...] (PUCHEU, 2017, p. 85)

"Conviver com eles." Essa é a potência política desse poema: fazer aparecer uma existência, deixar que esse ente traga a sua perspectiva e se vivifique. A experiência poética abre aquilo que se aparentava fechado e o desdobra em suas nuances. Nas palavras de Lapoujade (2017, p. 93), criar é testemunhar; "é preciso toda uma "arte" para fazer ver aquilo que vimos." O homem é testemunha de um instante de esplendor ainda que fugidio.

O poema instaura a sua própria forma de ser, o que nos sugere uma aposta política: a aparição dos instantes. Na tentativa de resistir à máquina-mortífera e à vida capital, o poeta

inventa um modo próprio, ao fabular os acontecimentos do poema. Contudo, não afirmamos que os acontecimentos da vida não possam perfurar os versos; a vida penetra no poema, alterando suas vibrações. Essa relação acontecimento da vida/acontecimento do poema constitui-se como um meandro em que transitam quaisquer matérias, corpos, energias, seres imaginários, invisíveis ou virtuais.

Nos poemas aqui tomados como estilhaços de pensamento, percebemos a vida fervilhando como potência. Não é uma vida em sentido estritamente biológico, mas uma vida para a qual a própria noção de viver está em jogo. Contra uma forma de vida dominante, a poesia de Pucheu tenta alargar o pensamento, desencaixotando-o de uma camisa de força.

É nesse caleidoscópio de escritas que penso *Vidas rasteiras*, a mais recente obra de Pucheu. Publicado em 2020 pela Revista Cult, esse conjunto de poemas mostra como as "vidas rasteiras" encontram-se perdidas nos micro espaços, ao acaso, nas multidões, na "boca do povo", na invenção de "um povo que falta", de um povo incerto. São vidas desejosas de movimentar-se, de gritar contra a sua tramada extinção, de emergir, de serem instauradas. São vidas que tinham todas as intempéries possíveis para desistir, porém decidem seguir num impulso vital renovado, adiando tragédias. Nesse sentido, o poeta caminha junto com as alteridades, ao revelar como a poesia sente-se atraída e atrai modos mínimos de existência.

Emmanuel Lévinas (1997), mais conhecido como o filósofo das alteridades, alude que a relação com outrem não é reduzida à esfera representacional, ou seja, o vínculo que se estabelece é da ordem da invocação. Por invocação, compreende-se o ato de fazer com que o outro compareça com suas particularidades. Nas palavras de Lévinas (1997, p.31): "o objeto do encontro é ao mesmo tempo dado a nós e em sociedade conosco [...]". Desta maneira, o retrato do outro não pode ser erigido por uma imagem muda e imóvel. O outro não pode ser mais pensado pela apreensão do "eu penso" que, na tentativa de satisfazer a sua visada ou o seu desejo, investe-o de completude numa pretensa pureza teorética

Vidas rasteiras, poema homônimo do livro de Pucheu, evoca e pede passagem para as "vidas miúdas/mimosas/rasteiras" que, "apesar de tudo, ainda tentam sobreviver." São vidas desejosas de falarem por si, de se desgarrarem da intencionalidade de uma imanência que reconduz o "outro" ao mesmo. Em *Vidas rasteiras*, o poeta, a todo instante, questiona: "Qual será o som dessas vidas precárias?" Na tentativa de chegar ao outro, o poema conclama por um encontro. Um encontro entre seres de linguagem, um encontro entre corpos idiorrítmicos, um encontro para a outridade, um encontro, ao acaso, sem tempo e dia definidos. É deixar que o outro entre na linguagem e interrompa a re-presentação ou a re-tenção do ente que se põe em contato.

Que ruídos
que sons

são esses
por quase ninguém
que grunhidos
são esses
a jamais
ecoarem
por outros
ouvidos
por outros
poros
por outras vidas
mas que quando
se está em um
bar qualquer
num sábado
à noite
do centro
de uma grande
cidade
arruinada
podem emergir
bem ali
ao seu lado
à sua frente
dentro de você
adentrando você [...]. (PUCHEU, 2020, p.12)

É num bar que o repentino irrompe. A poesia se alinha ao improvável, vez que é característico da linguagem poética colocar-se para o outro, para o inconstante, o imponderável. A partir dali o que vemos é o contato entre o sujeito do poema e a índia potira dona Laura que, aos 27 anos de idade, teve de sair de sua aldeia na Amazônia, fugindo dos brancos assassinos de Chico Mendes. O corpo dessa mulher experencia constantes saídas e retornos de um ente desejoso de viver fora da circunscrição autoritária do Estado. Concomitantemente, outro drama também é narrado: o de dona Leila, mulher sem casa que, sem ter condições de pagar aluguel, encontra, no movimento dos sem-teto, um abrigo. São histórias que brotam, subitamente, como se o poeta se colocasse à escuta do corpo de outrem.

[...] num bar
de uma grande cidade
arruinada
onde
pode emergir
bem ali
ao seu lado
à sua frente
aqui
adentrando você
a voz de outro
alguém a voz
de outra mulher
a voz
de dona leila
uma voz igualmente

inesperada
sofrida
pobre
que sem
conseguir pagar
seu aluguel
por 7 meses
encontrou
o movimento
dos sem teto [...] (PUCHEU, 2020, p.18-19)

Nestes dois excertos de *Vidas rasteiras*, notamos narrações de vidas corriqueiras de uma grande cidade: indivíduos nômades, sobreviventes de conflitos que envolvem lutas diárias por uma vida digna. Apesar de tão sofridas, tanto dona Leila quanto dona Laura desejam se colocar como falantes da sua própria obra, e o poeta é o intermediário por onde essas vidas vão penetrando/vibrando/atravessando enquanto linguagem. Não é o "eu" do sujeito lírico quem fala, mas sim, outrem, construído diante desse encontro.

Lembremo-nos que essa obra é escrita sob a égide da crise sanitária atual da pandemia do coronavírus. E mais: é um livro que examina criticamente o cenário catastrófico sobre o qual o Brasil se instalou desde 2016, com a saída arquitetada contra uma presidente eleita democraticamente, e a continuidade trágica dos tentáculos dessa encenação política, com as eleições de 2018, que elevou ao poder um grupo autoritário de extrema brutalidade contra todos os nossos corpos, as nossas mínimas existências e formas de resistência. Portanto, a História oferece à poesia uma matéria de tristezas que toca nas feridas, principalmente, de homens e de mulheres que rastejam "buscando saídas da morte". Fica nítido que o poeta em *Vidas rasteiras* nos apresenta duas vidas – a de dona Laura, a potira desenraizada da aldeia, e a de dona Leila, a mulher sem casa - que, em linhas gerais, aponta para a vida de milhares de brasileiros e brasileiras despossuídos e despojados, os quais cada vez mais precisam ter suas vidas convocadas/instauradas perante um contexto em que as existências se encontram sucateadas e violadas de todos os seus direitos.

POESIA: UM MOVIMENTO QUE FOGE DO PONTO FINAL

A obra do poeta Alberto Pucheu trabalha a palavra para além de uma retenção das coisas, dos objetos, dos seres. A linguagem da poesia, de modo geral, inventa/convoca existências mínimas possíveis que desejam transitar soltas, sem serem fixadas num conceito ou numa classificação. Há várias formas de domesticar, docilizar, moldar e emitir signos aos corpos. Essas práticas são operacionalizadas por distintas vias, seja no sistema representacional tradicional, seja no modelo reflexivo ou intencional, aquele que enquadra os sentidos em segmentações binárias distorcidas das realidades múltiplas que compõem o

mundo.

Em termos contemporâneos, a linguagem poética tenta gestar, a seu modo, subjetividades/formas possíveis de vidas, longe dos assujeitamentos instituídos, para escapar do corpo biologizante e da sua suposta unidade.

Os textos poéticos aqui analisados revelam como a poesia desapropria o que se pretende ser próprio num trabalho de desfazimento de conceitos e de formas tidas como modelos a serem seguidos. Como um corpo desorientado em pleno vigor dançante, a poesia de Pucheu nos aponta para o estranhamento ao pré-estabelecido, ao dito, ao posto, ao imposto.

À poesia não cabe persistir na regulação do normativo ou do social; à poesia nada cabe a não ser a sua inutilidade útil. Nos meandros dos estudos literários, a proposta apresentada é relevante para compreendermos como a poesia fissura a superfície porosa do mundo contemporâneo, renunciando a copiá-lo; recusando-se ao cotidiano autoritário e alienante. Nos textos poéticos, novas experimentações com o agora são postas a fim de que a desfamiliarização, o desencontro com a experiência codificada e sempre fácil de reconhecer apresentem a tônica do desconhecimento e do espanto.

É nesse sentido que a poesia de Pucheu escancara não apenas a artificialidade que disfarça o real, como também o interroga a fim de mostrar que é possível construir uma relação com o outro diferente. Ou seja: partindo de um contexto em que o "mundo cão" captura as subjetividades, transformando-as em apenas uma forma de vida desejável, o poeta reorienta esse caminho e formula possibilidades de sobrevivências perante a catástrofe sociopolítica do nosso tempo. Desse modo, a poesia se constitui enquanto ato de subversão, de resistência e de possibilidades de mostrar as existências contra forças fantasmáticas que retornam e desejam exterminar a vida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre a política. In: AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim*: notas sobre a política. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.p.101-108.

BADIOU, Alain. *Em busca do real perdido*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GARRAMUÑO, Florencia. A poesia contemporânea como confim. In: SCRAMIM, Susana; PUCHEU, Alberto (org.). *Linhas de fuga*: poesia, modernidade e contemporaneidade. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2016. p. 11-17.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós*: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

NOVAES, Adauto (org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida*: (poesia reunida 1993-2007). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

PUCHEU, Alberto. *Para que poetas em tempos de terrorismos?* São Paulo: Azougue Editorial, 2017.

PUCHEU, Alberto. Poesia, Filosofia e Política. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n.16, p.176-198, jul. 2016.

PUCHEU, Alberto. *Vidas rasteiras*. São Paulo: Editora Bregantini, 2020.

REZENDE, Renato. *Poesia brasileira contemporânea*: crítica e política. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

SISCAR, Marcos. A cisma da poesia brasileira. *Sibila*, São Paulo, ano 5, n. 8-9, p. 41-60, set. 2005.

VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1991.p.201-217.